

A história de
uma mulher
que desafiou
◊ islã

infiel

Tradução
LUIZ A. DE ARAÚJO

Ayaan
Hirsi
Ali

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2006 by AYAAN HIRSI ALI

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
INFIDEL — MY LIFE

Capa
KIKO FARKAS / MÁQUINA ESTÚDIO
MATEUS VALADARES / MÁQUINA ESTÚDIO

Preparação
VALÉRIA FRANCO JACINTHO

Revisão
LARISSA LINO BARBOSA
JULIANE KAORI

Atualização ortográfica
VERBA EDITORIAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hirsi Ali, Ayaan
Infidel : a história de uma mulher que desafiou o Islã. / Ayaan
Hirsi Ali ; tradução Luiz A. de Araújo. — 2ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2012.

Título original: Infidel.
ISBN 978-85-359-2025-3

1. Hirsi Ali, Ayaan, 1969- 2. Memórias autobiográficas 3.
Muçulmanos — Holanda — Biografia 4. Políticos — Holanda
— Biografia 5. Refugiados — Holanda — Biografia I. Título.

11-13981

CDD-949.20092

Índice para catálogo sistemático:

1. Holanda : Refugiados muçulmanos : Relato autobiográfico
949.20092

2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Agradecimentos 9

Introdução 12

PRIMEIRA PARTE

Minha infância

1. Linhagens 17
2. Debaixo do *talal* 30
3. Brincando de pega-pega no palácio de Alá 45
4. Órfãos chorosos e viúvas 61
5. Encontro secreto, sexo e cheiro de *sukumawiki* 66
6. Dúvida e desafio 90
7. Desilusão e engano 120
8. Refugiados 139
9. *Abeb* 154

SEGUNDA PARTE

Minha liberdade

10. A fuga 173
11. O julgamento dos anciãos 188
12. Haweya 198
13. Leiden 218
14. Sem Deus 239
15. Ameaças 259
16. Política 276
17. O assassinato de Theo 288

Epílogo: A letra da lei 305

Sobre a autora 319

PRIMEIRA PARTE

Minha infância

1. Linhagens

“Quem é você?”

“Sou Ayaan, filha de Hirsi, filho de Magan.”

Estou com a minha avó, sentada em uma esteira debaixo de um *talal*. Atrás de nós, a casa; e a nossa única proteção contra o sol que abrasa a areia branca são os ramos do *talal*. “Continue”, diz ela, encarando-me.

“E Magan era filho de Isse.”

“Que mais?”

“Isse era filho de Guleid, filho de Ali. Filho de Wai’ays. Filho de Muhammad. Ali. Umar.” Hesito um instante. “Osman. Mahamud.” Respiro fundo, cheia de orgulho.

“Bah?”, pergunta minha avó. “De que grupo?”

“De Bah Ya’qub, Garab-Sare.” Digo o nome da esposa mais poderosa de Osman Mahamud: a filha de Ya’qub, aquela, a do ombro mais alto.

Minha avó acena com a cabeça, relutante. Eu me saí bem, para uma garotinha de cinco anos. Consegui enumerar os meus ancestrais até trezentos anos antes — a parte crucial. Osman mahamud é o nome do subclã do meu pai e, portanto, o meu. Aquele a que pertenço, aquele que sou.

Depois, à medida que eu for crescendo, minha mãe vai me persuadir — vai me castigar até — a aprender a genealogia do meu pai, recuando oitocentos anos, até o grande clã dos darod. Eu sou uma darod, uma harti, uma macherten, uma osman mahamud. Sou da estirpe chamada Ombro Mais Alto. Sou uma magan.

“Aprenda bem isso”, diz minha avó, brandindo uma vara na minha direção. “Os nomes lhe darão força. São a sua linhagem. Se você os honrar, eles a manterão viva. Se os desonrar, você vai ser proscrita. Não será ninguém. Há de levar uma vida desgraçada e há de morrer sozinha. Repita.”

As crianças somalis precisam decorar sua genealogia: é mais importante do que quase tudo. Sempre que depara com um desconhecido, um somali pergunta:

“Quem é você?”. E os dois começam a retroceder em suas linhagens distintas até encontrarem um ancestral em comum.

Se você tiver o mesmo antepassado que um somali, mesmo que seja na oitava geração, os dois estão ligados como primos. São membros da grande família que forma o clã. Um oferece comida e hospitalidade ao outro. Embora o filho pertença ao clã do pai, é sempre útil recordar os detalhes da estirpe da mãe, caso você viaje e precise da ajuda de um estranho.

Por isso, embora o suor escorresse por nossas costas naquelas longas tardes, o meu irmão mais velho, Mahad, e eu aprendíamos a recitar em uníssono os nomes das duas genealogias. Posteriormente, minha avó começou a ensinar Haweya, minha irmã caçula, a fazer o mesmo, mas não conseguiu. Haweya era viva e inteligente, porém muito mais irrequieta do que nós.

A verdade é que esse conhecimento ancestral parecia inútil para nós, crianças modernas, criadas em casas de concreto, com telhados sólidos, por trás de paredes firmes e cercadas. Geralmente fugíamos, esquivando-nos das fortes pancadas que minha avó procurava dar nas nossas pernas com as varas arrancadas da árvore. Tratávamos era de trepar na árvore e ficar brincando nos galhos.

Acima de tudo, adorávamos escutar as histórias da minha avó quando mamãe estava cozinhando no fogareiro a carvão e nós nos deitávamos em uma esteira debaixo da nossa árvore. Essas histórias nunca eram narradas quando a gente queria. Chegavam de surpresa. Vovó podia estar entrançando uma esteira, resmungando consigo e, de repente, a gente percebia que o murmúrio tinha se transformado em um conto de fadas.

“Era uma vez um rapaz nômade casado com uma bela mulher, e eles tinham um filho”, ela começava. Nós três sabíamos que devíamos nos calar instantaneamente e fingir que estávamos ocupados com alguma coisa; a menor interrupção bastava para irritá-la, e vovó então ralhava conosco e voltava a entrelaçar as finas hastes de palha seca que passava dia e noite costurando para fazer grandes e caprichados tapetes.

“As chuvas não vieram, e o nômade empreendeu a travessia do deserto em busca de pastagens em que pudesse se fixar com a família. Pouco depois de iniciar a caminhada, chegou a um trecho de relva verde e fresca. Lá havia uma cabana feita de galhos fortes, coberta de esteiras recém-tecidas e toda varrida.

“A cabana estava vazia. Ele voltou para junto da mulher e contou que, com apenas uma jornada, tinha encontrado o lugar perfeito. Mas, dois dias depois, ao voltar à pastagem com a esposa e o bebê, deu com um estranho postado à entrada da cabana. Não era alto, era um homem atarracado, de dentes muito brancos e pele lisa.”

Haweya estremeceu de prazer. E de medo.

“O estranho disse: ‘Você tem mulher e filho. Fique com a casa, seja bem-vindo’, e sorriu. O jovem nômade achou aquele sujeito admiravelmente simpá-

tico e agradeceu; convidou-o a visitá-lo quando quisesse. Mas a esposa sentiu um mal-estar com o desconhecido. E o bebê começou a chorar assim que o viu.

“Naquela noite, um animal entrou sorrateiramente na cabana e arrebatou a criança do berço. O nômade tinha comido bem e dormia um sono profundo, não ouviu nada. Que desgraça. O desconhecido foi visitar o casal para dar os pêsames. Mas, quando ele falou, a mulher reparou nos pedacinhos de carne vermelha entre seus dentes e viu que um daqueles dentes fortes e brancos estava quebrado.

“O estranho passou um ano na casa com o casal. Durante todo esse ano, a relva continuou verdejando e as chuvas voltaram, de modo que não havia razão para seguir viagem. A esposa teve outro filho na cabana, outro lindo bebê. Porém, uma vez mais, quando a criança completou apenas uma estação de idade, um bicho apareceu de madrugada e a levou entre os dentes. Dessa vez, o pai chegou a persegui-lo, mas era muito lerdo para alcançá-lo.

“Na terceira vez, o nômade se engalfinhou com o animal, lutou o quanto pôde, mas acabou vencido. E o monstro lhe devorou mais um filho! Por fim, ao perder o terceiro bebê, a mulher disse ao marido que ia deixá-lo. E assim aquele nômade idiota acabou perdendo tudo!

“Muito bem, o que vocês acabam de aprender?”, gritava a minha avó. Sabíamos a resposta. Que o nômade era um bom vagabundo. Ficou na primeira pastagem que encontrou, mesmo sabendo que havia algo errado com ela. Foi tolo: não soube interpretar os sinais, sinais que o bebê e a mulher perceberam instintivamente. Na verdade, o estranho era “aquele que se coça com uma vara”, o ser monstruoso que se transformava em hiena e comia a criança. Tínhamos entendido. O nômade fora ingênuo, vagaroso, fraco e covarde. Merecia mesmo perder tudo.

As histórias de vovó eram de arrepiar. Havia as de uma bruxa horrorosa, chamada Matadora ou Carniceira, que tinha a faculdade de adotar a aparência de uma pessoa querida, respeitável e, de súbito, saltava sobre você, rindo na sua cara, RARARARARÁ, e o matava com a comprida e afiada faca que trazia o tempo todo escondida nas dobras do vestido. E comia você inteirinho. Minha avó também nos contava histórias da sua juventude, dos bandos de guerreiros que assolavam o deserto, roubando animais e mulheres, incendiando casarios. Falava sobre todos os desastres esquecidos da sua vida e da dos seus pais: sobre a peste endêmica, a malária e a seca, que deixavam regiões inteiras despovoadas.

Contava da sua vida. Dos bons tempos, quando as chuvas chegavam e tingiam tudo de verde, quando as enxurradas enchiam repentinamente o leito dos rios, e havia carne e leite em abundância. Tentava nos ensinar o que levava à decadência: quando o capim verdejava, os pastores se entregavam à preguiça e as crianças engordavam. Homens e mulheres se misturavam, cantando e batucando na penumbra, e isso lhes minava a precaução, impedindo-os de se prevenir contra o perigo. Tal combinação, dizia, levava à competição, ao conflito, à desgraça.

Às vezes, nas histórias da vovó, surgiam mulheres valentes — mães, como a minha — que se valiam da astúcia e da coragem para salvar os filhos do perigo.

Isso nos inculcava segurança, de certo modo. A minha avó e também a minha mãe eram destemidas e inteligentes: decerto nos salvariam quando chegasse a nossa vez de enfrentar os monstros.

Na Somália, as crianças aprendiam cedo a se precaver contra a traição. As coisas nem sempre eram o que pareciam; o menor deslize podia ser fatal. A moral de todas as histórias da minha avó mirava a nossa honra. Devíamos ser fortes, espertas, desconfiadas; devíamos acatar as normas do clã.

A desconfiança era recomendável, principalmente para as meninas. Pois elas podiam ser roubadas. Ou podiam ceder. E aquela que perdesse a virgindade manchava não só a própria honra como a do pai, dos tios, dos irmãos, dos primos. Não havia nada pior do que ser agente de semelhante catástrofe.

Por mais que gostássemos de suas histórias, geralmente não dávamos atenção à vovó. Ela nos pastoreava quase como as cabras que costumava amarrar na nossa árvore, já que éramos mais desobedientes. O nosso passatempo eram as histórias e as brigas; acho que só vi um brinquedo aos oito anos, quando nos mudamos para a Arábia Saudita. Vivíamos implicando uns com os outros. Haweya e Mahad se uniam contra mim, ou então Haweya e eu nos uníamos contra Mahad. Mas meu irmão e eu nunca fazíamos nada juntos. Nós nos detestávamos. Minha avó sempre dizia que era pelo fato de eu ter nascido só um ano depois dele: roubei-lhe o colo da minha mãe.

Não tínhamos pai, porque papai estava na prisão.

Eu nem me lembrava dele.

A maioria dos adultos que eu conhecia tinha sido criada nos desertos da Somália. País mais oriental e um dos mais pobres da África, a Somália se projetava no oceano Índico, resguardando qual mão protetora a ponta da península Arábica antes de mergulhar no litoral do Quênia. Minha família era de nômades que percorriam constantemente os desertos do norte e do nordeste em busca de pastagens para os rebanhos. Às vezes, fixavam-se durante uma ou duas estações; quando já não havia água ou pastagem suficiente, ou quando as chuvas não chegavam, pegavam a cabana, punham as esteiras nos camelos e partiam à procura de um lugar melhor para manter os rebanhos vivos.

Minha avó sabia tecer tão bem a palha seca que as suas moringas eram capazes de levar água por quilômetros e quilômetros. Podia fazer sua própria casinha abobadada de galhos dobrados e esteiras, e depois desmontá-la e carregá-la em um mal-humorado camelo de carga.

Seu pai, um pastor isaaq, morreu quando vovó tinha uns dez anos. Sua mãe casara com o tio dela. (Era uma prática comum. Poupar o dote e evitava problemas.) Quando minha avó fez treze anos, um nômade rico chamado Artan, que já passava dos quarenta, pediu a sua mão a esse tio. Artan era um dhulbahante, uma boa estirpe dos darod. Respeitadíssimo, hábil com os animais e bom viajero, conhecia tão bem o ambiente que sempre sabia quando partir e aonde ir para

encontrar a chuva. Os membros dos outros clãs pediam-lhe que arbitrasse as suas disputas.

Artan já era casado, mas só tinha uma filha com a mulher, uma menina um pouco menor do que a minha avó. Ao decidir tomar outra esposa, escolheu primeiro o pai da noiva: que fosse um homem de bom clã e de reputação ilibada. A moça tinha que ser trabalhadora, forte, jovem e pura. Vovó Ibaado era tudo isso. Artan pagou um lobolo por ela.

Dias depois de Artan casar com ela e a levar embora, a minha avó fugiu. Tinha percorrido quase todo caminho de volta ao acampamento da mãe quando o marido a alcançou. Ele consentiu em deixá-la descansar um pouco com a família para se recuperar. Uma semana depois, seu padrasto a levou ao acampamento de Artan e lhe disse: “Este é o seu destino”.

Durante o resto da vida, minha avó foi impecável em tudo. Criou oito meninas e um menino, e nunca houve quem dissesse uma palavra capaz de lhe deprimir a virtude ou o trabalho. Ela inculcou nos filhos força de vontade, obediência e senso de honra. Pastoreava os animais, ia buscar lenha, construía cercados de varas rendadas com galhos arrancados. Tinha mãos e cabeça duras, e, quando o marido presidia as reuniões de clã na qualidade de árbitro, vovó procurava manter as filhas bem longe e a salvo dos homens, das cantorias e dos tambores. Só à distância é que elas podiam ouvir os desafios poéticos e observar os homens trocarem bens e histórias. Minha avó não tinha ciúme da coesposa mais velha, embora a mantivesse à distância; quando esta morreu, tolerou a presença da arrogante enteada Khadija, a garota quase da sua idade.

Artan tinha nove filhas e uma esposa jovem. Era sumamente importante preservar a honra de todas essas mulheres. Ele as conservava bem longe dos outros nômades, passando semanas a errar em busca de um lugar com pasto e sem homens. Viajava incessantemente pelos mais remotos desertos. Debaixo da árvore da nossa casa de Mogadíscio, vovó sempre falava na bela vaziez de se sentar diante da cabana que ela construía com as próprias mãos e ficar contemplando a vastidão do espaço sem fim.

De certo modo, ela vivia na Idade do Ferro. Não havia sistema de escrita entre os nômades. Os artefatos de metal eram raros e valiosos. Os ingleses e os italianos proclamavam-se senhores da Somália, mas isso não significava nada para ela. Para vovó, não havia senão os clãs: os grandes clãs nômades dos isaq e dos darod, os inferiores agricultores hawiye e os sab, mais reles ainda. Aos trinta e poucos anos, quando viu um branco pela primeira vez, ela pensou que o sol tivesse crestado a pele do pobre homem.

Minha mãe, Asha, nasceu no início da década de 1940, com sua gêmea idêntica, Halimo. Vovó as pariu sozinha, debaixo de uma árvore. Eram a sua terceira e quarta filhas; ela tinha uns dezoito anos e estava pastoreando cabras e ovelhas quando sentiu as dores. Deitou-se e deu à luz; então cortou os cordões umbilicais com sua faca. Algumas horas depois, arrebanhou as cabras e ovelhas e conseguiu levá-las para casa em segurança, antes do anoitecer, carregando as gêmeas re-

cém-nascidas. Ninguém deu importância à façanha: ela apenas tinha levado mais duas meninas para casa.

Para minha avó, os sentimentos não passavam de uma perversão imbecil. Mas o orgulho, sim, era importante — orgulho pelo trabalho, orgulho pela própria força — e a autoconfiança. Se você fosse fraca, as pessoas falaria mal. Se suas cercas de espinhos não fossem fortes o bastante, seus animais seriam atacados por leões, hienas e raposas, seu marido casaria com outra, suas filhas perderiam a virgindade e seus filhos seriam objeto de desprezo.

Aos olhos dela, éramos crianças inúteis. Criadas em uma casa de blocos de cimento, com telhado sólido, não sabíamos fazer nada que prestasse. Andávamos pelo leito da rua; a rua da nossa casa não tinha calçamento, porém, mesmo assim, era uma via aberta na terra. Bebíamos água da torneira. Jamais conseguiríamos achar o caminho de volta se fôssemos pastorear rebanhos no deserto; não sabíamos nem mesmo ordenhar uma cabra sem levar um coice.

Vovó dedicava a mim um desprezo todo especial. Eu tinha pavor de insetos, por isso, em sua opinião, eu era uma criança verdadeiramente burra. Quando suas filhas completavam cinco ou seis anos, ela já lhes havia ensinado as coisas mais importantes que precisavam saber para sobreviver. Eu não sabia nada.

Minha mãe também nos contava histórias. Tinha aprendido a cuidar dos animais da família e a conduzi-los pelos desertos aos lugares mais seguros. As cabras eram presa fácil para o predador; as meninas também. Se os homens atacassem minha mãe ou suas irmãs no deserto, a culpa era exclusivamente delas: sabiam que deviam fugir assim que avistassem um camelo desconhecido. Se fossem capturadas, deviam dizer três vezes: “Que Alá seja minha testemunha, não quero nenhum conflito com você. Por favor, deixe-me em paz”. Ser estuprada era muito pior do que morrer, pois sujava a honra de todos os membros da família.

Se a invocação de Alá não surtisse efeito, minha avó instruía as filhas para correrem ao redor do agressor, agacharem-se, enfiarem a mão por baixo de seu sarongue, entre as pernas, e puxarem-lhe os testículos com toda força. E que não os soltassem. O homem podia desferir pancadas e pontapés, mas elas que baixassem a cabeça, para receber os golpes nas costas, e tratassem de ficar agarradas até que o bandido desmaiasse. Esse expediente se chamava *qworegoys*, e as mulheres da família da minha avó o ensinavam para as filhas assim como lhes ensinavam a fazer cercas de espinheiro para proteger a cabana contra as hienas.

Lembro de uma tarde em que Haweya e eu, ainda pequenas, estávamos vendendo vovó passar banha de carneiro em um comprido rolo de corda, para depois embê-la na tintura vegetal que a tornaria dura e preta.

“Uma mulher sozinha é como um pedaço de banha de carneiro ao sol”, disse ela. “Tudo quanto é bicho vem comer essa banha. Antes que vocês percebam, as formigas e os insetos caem em cima dela e só deixam uma manchinha de gordura.” Vovó apontou para uma gota de banha que derretia ao sol, pouco além

da sombra do *talal*. Estava preta de formigas e moscas. Essa imagem passou anos povoando os meus pesadelos.

Quando menina, minha mãe tinha sido diligente, sempre obediente. Mas, quando ela estava crescendo, o mundo começou a mudar. As antigas tradições dos nômades foram se alterando à medida que a vida moderna os atraía para os vilarejos e as cidades. E assim, mais ou menos aos quinze anos, mamãe saiu do deserto. Deixou os pais, as irmãs mais velhas e até a irmã gêmea, e foi caminhando. Depois subiu em um caminhão e viajou até a cidade portuária de Berbera, onde embarcou em um navio e atravessou o mar Vermelho rumo à Arábia.

Khadija a precedera. Khadija era sua meia-irmã mais velha, filha da primeira esposa de seu pai. Uma outra irmã mais velha da minha mãe empreendeu a mesma viagem. Não sei o que as levou a fazer isso; mamãe raramente manifestava suas emoções mais íntimas. Mas eram os anos 1950, e a vida moderna ia abrindo caminho nos lugares mais longínquos do mundo. Afinal de contas, minha mãe era jovem e acho que simplesmente não queria ficar sozinha no deserto quando todos os outros tivessem migrado para a cidade.

Mamãe foi para Áden, onde Khadija já fixara residência: uma grande cidade, um centro do poder colonial britânico no Oriente Próximo. Arranjou emprego como faxineira de uma inglesa. Descobriu a utilidade dos talheres, das cadeiras, das banheiras e das escovas. Adorava os rituais estritos — lavar, passar, dobrar — e a sofisticada parafernália da vida sedentária. Tornou-se ainda mais escrupulosamente atenta a essas coisas do que a mulher para a qual trabalhava.

Embora estivesse sozinha em Áden, longe da vigilância dos pais, minha mãe era extremamente virtuosa. Estava decidida a não dar motivos para que dissessem que ela, Asha Artan, se havia comportado mal. Nunca andava de táxi nem de ônibus por medo de se sentar ao lado de um estranho. Evitava os homens somalis que mascavam *qat* e as moças que faziam chá para eles e graçejavam quando a ruidosa euforia daquelas folhinhas curtas e gordas os fazia falar e rir. Não, em Áden, mamãe aprendeu a rezar de maneira adequadamente islâmica.

Vivendo no deserto, minha avó nunca teve tempo para rezar. Entre os nômades, não se esperava isso das mulheres. Eram os homens que estendiam na areia o tapete de oração cinco vezes por dia e se voltavam para Meca, entoando o Alcorão. Mas agora, na península Arábica, onde o profeta Maomé recebeu a revelação de Alá, mamãe aprendeu as abluções rituais. Aprendeu a se cobrir com um pano liso e a rezar — de pé, sentada, prostrada, voltando-se para a direita e para a esquerda: o balé da submissão a Alá.

No deserto, as mulheres nômades não se cobriam. Elas *trabalhavam*, e era difícil trabalhar debaixo de um longo véu. Para pastorear e cozinhar, minha avó trajava um vestido comprido de pano, o *gob*, deixando nus os braços, o cabelo e o pescoço. Naquele tempo, era comum as mulheres amamentarem os filhos na

presença de homens; se havia algo excitante em ver alguns centímetros de carne feminina, eles não demonstravam.

Minha mãe não tinha protetor em Áden — nem pai, nem irmão. Os homens a cortejavam e a assediavam na rua. Ela passou a usar véu, como as mulheres árabes que, para sair de casa, se envolviam em um comprido pano preto, deixando apenas uma fresta para os olhos. O véu a protegia dos rapazes namoradores e do mal-estar de ser olhada daquela maneira. O véu era o emblema da sua fé. Para ser amada por Deus, era preciso ser modesta, e Asha Artan queria ser a mulher mais correta e mais virtuosa da cidade.

Um dia, meu avô Artan foi a Áden. Disse à mamãe que a haviam pedido em casamento e que ele aceitara. Mamãe tinha uns dezoito anos; não podia desafiar o pai. Por isso ficou calada. O silêncio de uma virgem era a resposta mais apropriada a um pedido de casamento; significava digno consentimento.

Assim, mamãe casou com esse homem, chamado Ahmed, embora não tivesse gostado da sua aparência. Ele era muito baixo e escuro, e fumava, o que para ela era tão horrível quanto mascar *qat*. Ahmed era um darod, como ela, e também dos harti, como ela; mas, longe de ser um nômade dhulbahante, feito mamãe, era mercador, um wersengeli. Por isso ela desprezava aquele homem, por rico que fosse.

Esse wersengeli a levou para o Kuwait, onde ela passou a ser dona de uma casa grande, com piso ladrilhado, água quente corrente e eletricidade. A primeira coisa que fez foi despedir todas as criadas: ninguém era capaz de manter a casa suficientemente limpa para Asha Artan. Ela se empenhou em criar um lar exemplar. Teve um filho, ao qual deu o nome de Muhammad, o do profeta, nome adequado a um primogênito.

Então seu pai, que era muito velho, morreu, e mamãe fez uma coisa muitíssimo surpreendente: disse ao marido que queria o divórcio.

Obviamente, não tinha direito de se divorciar pela lei muçulmana, a menos que o marido fosse impotente ou a deixasse na mais completa indigência. Todos os membros do clã, no Kuwait, disseram que ela estava sendo ridícula. Seu marido era rico e, embora tivesse com que sustentar várias esposas, voltava toda noite para casa. Que mais ela podia querer? Se se divorciasse, seria mercadoria de segunda mão — já não era virgem. E, além disso, alegaram, ficaria com a reputação de não ser *baarri*.

Uma *baarri* era uma espécie de escrava devotadíssima. Honrava a família do marido e a alimentava sem questionar nem se queixar. Nunca chorava nem fazia nenhum tipo de exigência. Era forte no serviço, mas sempre de cabeça baixa. Se o marido fosse cruel, se a estuprasse e ainda zombasse dela por isso, se resolvesse tomar outra esposa ou se a espancasse, ela baixava os olhos e ocultava as lágrimas. E trabalhava muito, impecavelmente. Era um burro de carga dedicado, acolhedor, bem treinado. Isso era ser *baarri*.